

ANO LXXVIII - Nº 17 - RIO DE JANEIRO - AGO 2005 / FEV 2006

ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÓNICOS
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil



Abrem-se as portas da nova
Sede do Supremo Conselho



O Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil e a Grande Loja Maçônica de Santa Catarina reúnem-se, neste ano de 2006, para comemorar, respectivamente, seus 177 e 50 Anos de Fundação.

Luiz Fernando Rodrigues Torres
Soberano Grande Comendador e

Airton Edmundo Alves
Sereníssimo Grão-Mestre,



*Tudo tem seu tempo determinado,
E há tempo para todo propósito
Debaixo do céu: há tempo de
Derrubar e tempo de edificar;
Tempo de estar calado e tempo de falar;
(Eclesiastes: 3:3-3:7)*

Há tempo para tudo

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Meus Irmãos,

Comemoraremos este ano 177 (cento e setenta e sete) anos de profícua existência de nosso Supremo Conselho em nosso país.

No próximo dia 11 (onze) de março do ano em curso iremos festejar esta data vetusta da maneira mais gloriosa possível.

Programamos, entre outros eventos, a inauguração da nova sede administrativa do Supremo Conselho, a qual abrigará todos os setores e serviços, nos seus 4.000 (metros quadrados) de área construída. Trata-se de imponente edifício consagrado a G.:A.:D.:U.:., servindo, não somente de centro administrativo do R.:E.:A.:A.:., como, também, de justo orgulho de todos os Irmãos adeptos de nossa grandiosa Ordem.

Esta obra teve início na Administração que antecedeu à atual, mas teve de ser interrompida, por motivos vários, sendo o principal a falta de recursos pecuniários, os quais vieram a ser providos pelo aporte de todos os Maçons filiados ao Rito Escocês regular regido pelo Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. Retomada em meados de 2005, finaliza, agora, sua história, de forma heróica.

Cabe, neste instante, fazer um resumo do histórico do Supremo

Conselho, iniciado no dia 12 de março do ano de 1829, quando o Supremo Conselho dos, então, Países Baixos, hoje Reino da Bélgica, autorizou o Il.: e Pod.: Ir.: **Francisco Gê de Acayaba Montezuma** a estabelecer um Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, no Brasil, o que foi feito no dia 12 de novembro de 1832.

Após inúmeras vicissitudes, o Supremo Conselho, acoplado ao Grande Oriente do Brasil, dele veio a dissociar-se em 1927, sob a presidência do Il.: e Pod.: Ir.: **Mário Behring**, instituindo-se, então o atual sistema das Grandes Lojas estaduais. Ficou, em conseqüência, estabelecido que as Grandes Lojas teriam o governo, com suas naturais conseqüências, dos Graus 1, 2 e 3, ou seja: Aprendiz Maçom, Companheiro Maçom e Mestre Maçom. Ao Supremo Conselho, entre outras atribuições, estariam sujeitos os demais Graus do Rito, ou seja do 4 (Mestre Secreto) ao 33 (Grande Inspetor Litúrgico) e, evidentemente, de ser a única autoridade dogmática do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Ambas as Instituições são absolutamente Soberanas, não admitindo qualquer interferência da outra.

A propósito convém reproduzir uma das Resoluções tomadas durante a 3ª (Terceira) Conferência Internacional de Supremos Conselhos, realizada em Lausanne, Suíça, a 29

de maio de 1922, *in verbis*: "Cada Supremo Conselho deve ser soberano e livre de qualquer fiscalização ou direção por parte de qualquer Corpo ou organização maçônica, no processo de escolha dos seus membros, na eleição de seus oficiais, no tempo de exercício das respectivas funções, na adoção dos estatutos, na relação que mantém com os diversos Corpos que lhe são subordinados em sua jurisdição, respeitados os direitos das Grandes Lojas regulares, que dirigem os três primeiros graus da Antiga Maçonaria".

José Castellani, comentando o texto acima transcrito, preleciona: "Conforme as Grandes Constituições Escocesas e a Resolução acima, os membros do Supremo Conselho devem ser escolhidos, exclusivamente, pelo processo de seleção, não se admitindo que as Grandes Lojas, ou outras quaisquer corporações maçônicas, intervenham direta ou indiretamente, seja na eleição dos oficiais, ou mesmo na de Grande Comendador".

Como corolário, a fim de ficar bem claro o que expusemos nesta Mensagem, reproduzo o que dispõe o artigo 5º das Grandes Constituições de 1786, as quais regem a vida de todos os Supremos Conselhos legítimos e regulares do mundo, *in verbis*: "Haverá somente um Supremo Conselho do Grau 33 em cada Nação ou Reino da Europa, afastados o mais possível um do outro..." [os grifos não estão no original].

"Haverá somente um em cada Império, Estado Soberano ou Reino na Ásia, na África, etc..., etc..." (os grifos não constam do texto original).

Recomendo, a propósito, a leitura do "*Vademecum da Regularidade Maçônica*" sob o título "*O Surgimento das Grandes Lojas no Brasil*", publicado em 1982, pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB).

Aproveito este ensejo para desejar a todos os Irmãos do Rito muitas felicidades junto aos seus entes queridos, assim como a proteção do G.:A.:D.:U.:.



Detalhe de uma das alas do Palácio Sans-Souci, mandado construir por Frederico da Prússia no século 18.



Supremo Conselho da Alemanha comemora 75 Anos de Fundação

*João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º
Chefe da Secretaria do Supremo Conselho*



A mesa principal do banquete de gala, em Berlim. Sentados, da esquerda para a direita: Ir.: **Henk Koning**, SGC da Holanda; Ir.: **Friederich W. Schmidt**, SGC da Alemanha; Ir.: **Jack Ball**, SGC da Austrália; Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, SGC do Brasil. Em pé: Ir.: **Anders Fahlman**, GM da *Ordem de Franco-Maçons da Suécia*; Ir.: **Corrado Ballaco Gabrieli**, SGC da Itália; Ir.: **Leopold Tröthann**, SGC da Áustria; Ir.: **Mauro Milanesi**, SGC da África do Sul; e Ir.: **Gerald Tedder**, SGC da Inglaterra e Gales.



O Soberano Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres** na cidade de Potsdam, Alemanha, junto ao túmulo de **Frederico II, o Grande**, da Prússia, no histórico Palácio *Sans-Souci*.

Dois velhos amigos, o SGC **Luiz Fernando Rodrigues Torres** e o Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho da Suíça, Ir.: **Michel Demartin**.

Nosso Soberano Grande Comendador, Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres** participou de dois grande eventos maçônicos internacionais, acompanhado de sua esposa, **D. Corina**, e do Chefe da Secretaria Geral, Ir.: **João Alexandre Rangel de Carvalho**, 33º.

O primeiro deles aconteceu no país que sediará a Copa do Mundo de Futebol em 2006, a Alemanha. Lá, o Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito comemorou, de forma grandiosa, os 75 anos de sua Fundação.

A Alemanha, no período de 16-18 de setembro de 2005, estava no final de seu verão. Em grande estilo e com muita pompa, o Supremo



3



Nas sessões festivas do SC da Alemanha, a partir da extrema esquerda, a comunidade lusófona: Ir.: Ferrero, Membro Efetivo do Supremo Conselho de Portugal; Ir.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, SGC do Supremo Conselho do Brasil; Ir.: José Carlos Nogueira e Ir.: Carlos Rúbio, 33º, respectivamente Soberano Grande Comendador e Gr.: Chanc.: Rel.: Ext.: do Supremo Conselho de Portugal.

Dois novos Membros Honorários do Supremo Conselho da Alemanha: os Ilr.: Lutfallah Hay, SCG do Supremo Conselho do Irã no Exílio, e Luiz Fernando Rodrigues Torres.



Conselho alemão organizou, na histórica cidade de Berlim, as festividades em comemoração de seu aniversário de fundação.

Seu Soberano Grande Comendador, o Ir.: **Frederich Wilhelm Schmidt**, 33º, presidiu as comemorações que contou, além da presença da delegação brasileira, com Soberanos Comendadores de diversos países, comandando suas delegações.

Melhor do que as palavras, as fotos capturam o clima dos encontros. A elegância formal europeia foi a moldura adequada a um encontro maçônico internacional do mais puro sentimento fraterno dos Irmãos do Rito Escocês. ▲



Por maior que seja o progresso tecnológico, de nada adianta quando a mão treme! Mas fica para o devido registro a foto em que aparecem o Ir.: Klaus Horneffer, 33º, Grão-Mestre da Grande Loja Unida da Alemanha, à esquerda, e, entre o SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres e o Ir.: João Alexandre, o Ir.: Valdis Pirags, investido naquele dia no Grau 33º, Grão-Mestre da Grande Loja da Letônia.



Outro registro tremido, porém importante: o Ir.: Friedrich Wilhelm Schmidt, SGC do Supremo Conselho da Alemanha, recebe a Comenda e o respectivo Diploma dos 176 Anos do Supremo Conselho do Brasil das mãos do SGC Luiz Fernando Torres.



Ladeados pelo SGC Torres e pelo Ir.: João Alexandre, ao centro, à esquerda, o Ir.: Paul André Chaptal, 33º, Gr.: Sec.: Geral do Supremo Conselho da França e, à direita, o Ir.: David Ceniglia, 33º, Gr.: Chanc.: do Supremo Conselho da Itália.





O Ir.: Ronald A. Seale, SGC do Supremo Conselho Jurisdição Sul, USA, Supremo Conselho-Mãe do Mundo, saúda nosso SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres, no Encontro Bienal de Washington D.C.

Reunião Bienal do Supremo Conselho da Jurisdição Sul dos EUA

*João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º
Chefe da Secretaria do Supremo Conselho*

O Soberano Grande Comendador, Ir.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, foi convidado e compareceu ao encontro bienal do Supremo Conselho da Jurisdição Sul dos Estados Unidos da América, fato ocorrido no período de 2 a 9 de outubro de 2005.

Trata-se de uma verdadeira efeméride, pois os demais Supremos Conselhos do Mundo se preparam ansiosamente para assistir àquele evento, cuja programação é de grande interesse Maçônico, Esotérico, Social e Cultural.

O Ir.: Ronald A. Seale, Soberano Grande Comendador da Jurisdição Sul dos Estados Unidos, "Supremo Conselho Mãe do Mundo", presidiu as comemorações, assistidas por representantes de inúmeros Supremos Conselhos de países convidados, e marcadas pela cordialidade e simpatia dos anfitriões e convidados. ▲



6

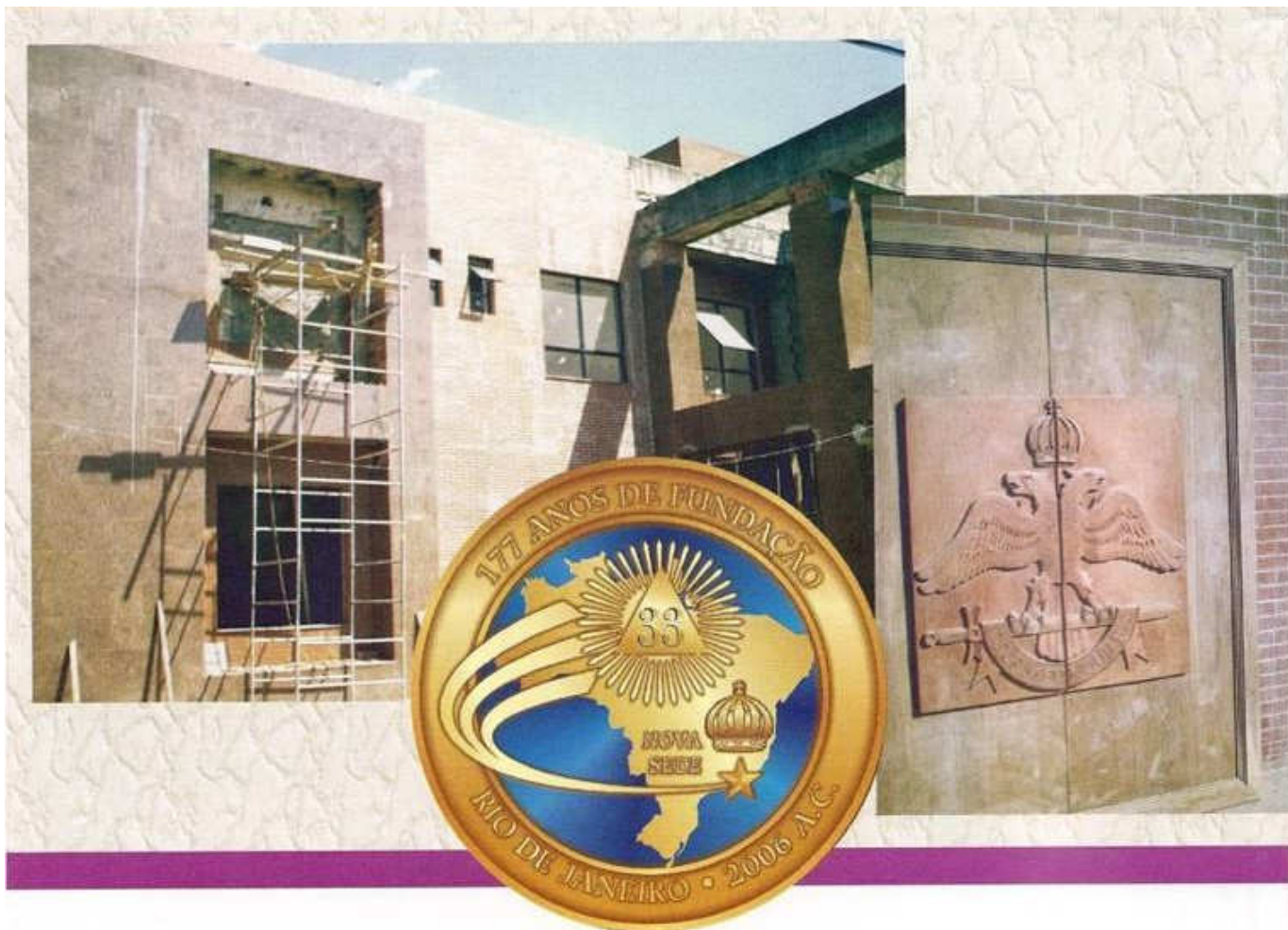
À esquerda do SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres e do Ir.: João Alexandre, vemos o Ir.: William Miller, Membro Efetivo do Supremo Conselho Jurisdição Sul, USA, e nosso Grande Representante junto a ele. A seu lado, com o barrete branco, o Grão-Mestre da Grande Loja do Estado de Washington, investido naquele justo dia.



Um dos raros momentos de descontração numa agenda sempre cheia de trabalho: as delegações do Brasil e do Estado de Washington se confraternizam.



7



Aos 177 Anos, uma Nova Sede

*Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Grande Ministro de Estado*

Em março de 1998, logo após sua posse, o Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, Soberano Grande Comendador em seu primeiro mandato, determinou a paralização das obras da nova sede administrativa do Supremo Conselho, por absoluta falta de recursos. As dívidas, só com as obras, eram da ordem de duzentos mil dólares.

Mas concluir a edificação da Sede era um ponto de honra.

Mãos à obra!

Com a recomposição das finanças, finalmente, em setembro de 2005, o Soberano Grande Comendador convidou o Ir.: **Jorge Luiz de Andrade Lins**, 33º, Grande Ministro de Estado, para compor uma nova comissão de obras sob sua própria presidência, tendo também, como membros, os Ilr.: **Antônio Gonçalves Dias** e **Alcides Neves Correa**, ambos 33º. Caberia ainda ao Ir.: Jorge Lins ser o interlocutor entre a Comissão e os profissionais contratados.

As obras foram reiniciadas em ritmo acelerado, despertando otimismo em todo o Brasil.

Entusiasmado, o Irm.: **Abílio Ferreira da Silva**, 33º, do Ceará, louvando a iniciativa do SGC, deu uma valiosa e espontânea contribuição pessoal, depositando quinhentos reais na conta do Supremo Conselho. Sensibilizado, o Ir.: Luiz Fernando respondeu, dizendo que *"em retribuição ao seu gesto tão generoso, envio ao Irmão uma Comenda mandada cunhar pelo Supremo Conselho, em comemoração dos seus 175 anos de Fundação"*.

Pensando no futuro

O novo edifício administrativo do Supremo Conselho, com área total de aproximadamente 4.000m², é dividido em dois andares, servido, por escada convencional e elevador, para uso dos Ilr.: mais idosos.



8



Estes registros fotográficos marcam o progresso retomado, a promessa cumprida e a palavra honrada. Na Nova Sede, a Maçonaria Brasileira terá o mais moderno e mais completo centro administrativo de toda a Maçonaria latino-americana.

Na parte inferior, encontram-se a recepção, o protocolo geral, a secretaria e a biblioteca (climatizada para preservação de documentos importantes), com sala de leitura anexa. Nele, temos ainda sanitários coletivos (masculino e feminino), a área operacional da contabilidade, a tesouraria, um centro médico-dentário, o centro de imprensa, onde estão as dependências da *Revista Astréa*, um almoxarifado com acesso externo para entrada de material, o centro de processamento de dados, este interligado com todas as dependências, além de cozinha industrial e refeitório.

O acesso ao segundo piso é feito por escada, iluminada durante o dia por luz natural através de uma parede transparente. Nele encontram-se os gabinetes do Soberano Grande Comendador, do Super-Tenente Comendador e do Grande Ministro de Estado, com

acesso por porta dupla, onde está talhada a águia bicéfala que ilustra a capa deste número da *Astréa*.

Temos ainda, neste andar, gabinetes para os Past Comendadores, para o Grande Secretário Geral, para o Grande Secretário do Interior, para o Grande Tesoureiro e para o Grande Chanceler Guarda dos Selos, além da sala de reuniões e de um Centro de Treinamento e Imagem, equipado com "data show", permanentemente instalado para treinamento e para palestras. Finalmente, uma copa e uma sala de chá, tudo com acesso por corredor interno.

Pensando no futuro

Essas dependências podem parecer um exagero para os dias atuais. Mas seria um erro ignorar a projeção de crescimento da Maçonaria em geral e a do R.:E.:A.:A.:, em particular. Não podemos pensar Mais do que nos dias de hoje,

pensamos na Maçonaria do futuro, preparando a infra-estrutura do Supremo Conselho para os nossos sucessores.

Nesta Nova Sede, a Maçonaria Brasileira terá o maior e mais completo centro administrativo maçônico da América Latina. É, temos certeza, uma conquista de todos os Maçons brasileiros, independentemente de Obediência e Rito.





Estes registros fotográficos marcam o progresso retomado, a promessa cumprida e a palavra honrada. Na Nova Sede, a Maçonaria Brasileira terá o mais moderno e mais completo centro administrativo de toda a Maçonaria latino-americana.

Na parte inferior, encontram-se a recepção, o protocolo geral, a secretaria e a biblioteca (climatizada para preservação de documentos importantes), com sala de leitura anexa. Nele, temos ainda sanitários coletivos (masculino e feminino), a área operacional da contabilidade, a tesouraria, um centro médico-dentário, o centro de imprensa, onde estão as dependências da *Revista Astréa*, um almoxarifado com acesso externo para entrada de material, o centro de processamento de dados, este interligado com todas as dependências, além de cozinha industrial e refeitório.

O acesso ao segundo piso é feito por escada, iluminada durante o dia por luz natural através de uma pirâmide transparente. Nele encontram-se os gabinetes do Soberano Grande Comendador, do Lugar-Tenente Comendador e do Grande Ministro de Estado, com

acesso por porta dupla, onde está talhada a águia bicéfala que ilustra a capa deste número da *Astréa*.

Temos ainda, neste andar, gabinetes para os Past Comendadores, para o Grande Secretário Geral, para o Grande Secretário do Interior, para o Grande Tesoureiro e para o Grande Chanceler Guarda dos Selos, além da sala de reuniões e de um Centro de Treinamento e Imagem, equipado com "data show", permanentemente instalado para treinamento e para palestras. Finalmente, uma copa e uma sala de chá, tudo com acesso por corredor interno.

Pensando no futuro

Essas dependências podem parecer um exagero para os dias atuais. Mas seria um erro ignorar a projeção de crescimento da Maçonaria em geral e a do R.:E.:A.:A.:, em particular. Não podemos pensar Mais do que nos dias de hoje,

pensamos na Maçonaria do futuro, preparando a infra-estrutura do Supremo Conselho para os nossos sucessores.

Nesta Nova Sede, a Maçonaria Brasileira terá o maior e mais completo centro administrativo maçônico da América Latina. É, temos certeza, uma conquista de todos os Maçons brasileiros, independentemente de Obediência e Rito.



9

“ Paralelamente, há uma constante e livre investigação da Verdade, da evolução do conhecimento humano através da filosofia, ciências e artes, sob a tríade da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, dentro dos princípios da Moral, Razão e Justiça.”

dicionados. A capacidade fundamental da inteligência humana, da qual dependem todas as outras, é o dom de discernir o essencial do acidental, o falso do verdadeiro e o importante do irrelevante. Dessa forma, só acreditará no que se propaga contra a Ordem quem estiver fora desse foco. A Arte Real, como também é conhecida a nossa Ordem, tem como escopo a proclamação dos seus ideais pacíficos, apolíticos e altruístas. Ensina o respeito às autoridades, a ser fraterno e tolerante, sem deixar de exaltar a defesa das liberdades individuais e da união de todos. O espírito maçônico ensina aos seus adeptos um comportamento original que não se encontra em nenhum outro grupo. A realidade histórica mostra a que ponto as orientações indicadas ou impostas pela Maçonaria influenciaram sua concepção do homem e da sociedade. O Maçom aprende a recusar qualquer pressão social abusiva e a ter um respeito disciplinar de hierarquia.

A Maçonaria, Ordem Universal, é constituída por homens de bons costumes, de todas as raças e nacionalidades, e o seu Grande Ideário está fundado *“no amor fraternal e na esperança de que, com amor ao Grande Arquiteto do Universo, à Pátria, à família, ao próximo, com tolerância e sabedoria o mundo alcance a felicidade geral e a paz universal”*. Paralelamente, há uma constante e livre investigação da Verdade, da evolução do conhecimento humano através da filosofia, ciências e artes, sob a tríade da Liberdade, Igualdade e Fraterni-

dade, dentro dos princípios da Moral, Razão e Justiça.

Por muito tempo, a Maçonaria teve sua imagem ligada à benemerência, a alguns fatos histórico-políticos e foi alvo de ataques da igreja católica, que se opôs à Ordem, que lutava contra o obscurantismo.

Procedimentos religiosos são ditados por proposições que estipulam o que deve ou não ser feito, numa nítida implicação de superação às transgressões, sejam tentações simplesmente humanas, sejam tentações de se usar a força para impor uma vontade. O cristianismo produziu considerável mudança no comportamento do Homem, quando essa religião – que enfrentou o Império Romano – formulou concepção diferente de vida e morte, estabelecendo novos vínculos entre ambas. Esse comportamento apresentava-se como um escândalo à racionalidade romana, algo que escapava dos seus parâmetros, porque os mártires morriam para preservar sua consciência, formando uma representação coletiva característica.

A Igreja, obviamente, adotou essa mesma postura por ser conveniente e lhe dar credibilidade para atacar os que lhe eram contrários. Alguns autores, que escrevem sobre a Inquisição, destacam os terrores perpetrados pela Igreja e de que ela, de fato, jamais deixou de tentar controlar e manipular informações e, para obter a obediência de seus membros, utilizou-se de inúmeros artifícios, desde a excomunhão até a catalogação de livros proibidos. No caso da Igreja, especificamente e dentro do seu idealismo, a Maçonaria tinha, obviamente, que revidar. Esse revide passou a criar uma falsa imagem dela ser contrária à Igreja. Ainda há, dentro da entidade, segmentos que entendem que seus objetivos maiores não podem fugir ao auxílio a outrem e a ingerência à política, com o sentido de se estar procurando o bem da Humanidade e se defender do clero e dos fundamentalistas anti-maçons. Os legítimos e verdade-

iros Maçons devem lutar e não podem, por vergonha, medo ou excesso de prudência, se recolherem às catacumbas.

À luz da história, transparecem os benefícios que a Humanidade recebeu da Maçonaria, acontecimentos estes difíceis de serem revelados por ser ela uma sociedade secreta, fortemente enraizada e que nem sempre se lhe pode atribuir completamente. Mas a nossa Ordem, de algum tempo, vem, culturalmente, embrenhando-se na sua própria origem histórica, sua evolução e a identidade e significados dos seus símbolos. Surgiram pesquisadores que se tornaram escritores e que passaram a divulgar acontecimentos que eram de pouco conhecimento, inclusive, dentro da própria Ordem. É impossível prever até onde esses intrépidos exploradores podem chegar!

Nesse desfraldamento, comparável a um grande exército, quantas obras fidedignas ou simplesmente sérias, surgem? Temas, os mais diversos, afloram provocando debates, encontros, discussões polêmicas, cujos resultados têm sido benéficos à nossa Ordem, tornando-a uma referência cultural, sob o ponto de vista da pesquisa. Fica claro que não há nenhum antagonismo entre a pesquisa iniciática e a pesquisa científica e que esta vem sempre confirmar aquela.

Há um número crescente de estudiosos Maçons que vêm enriquecendo os anais da Arte Real. Hoje, todo o Obreiro que se preocupa, realmente, com sua entidade, procura ler, estudar, debater o que é escrito sobre ela. Os escritores passaram a ter importância maior. Aumentou-se as edições de livros sobre a Ordem e surgiram milhares de publicações de cunho Maçônico, algumas como verdadeiras enciclopédias. Tudo isso em benefício da cultura e, conseqüentemente, daqueles que se interessam em aprender.

Hoje em dia, escreve-se sobre tudo que referencia a Maçonaria. Há



até invencionices! Para os atentos, as mentiras não têm valor algum.

Dentre os inúmeros pontos que são abordados, dois muito importantes quase sempre estão presentes em peças de arquitetura: Filosofia e Religião.

O primeiro, porque a Maçonaria se credita como uma instituição filosófica que, como tal, prega o aperfeiçoamento de cada um e em que se está em busca da Verdade.

O segundo, pelo seu envolvimento místico em diversos segmentos, é controverso desde o surgimento da Sublime Ordem, entre o seu deísmo, do princípio, e teísmo de sua continuidade.

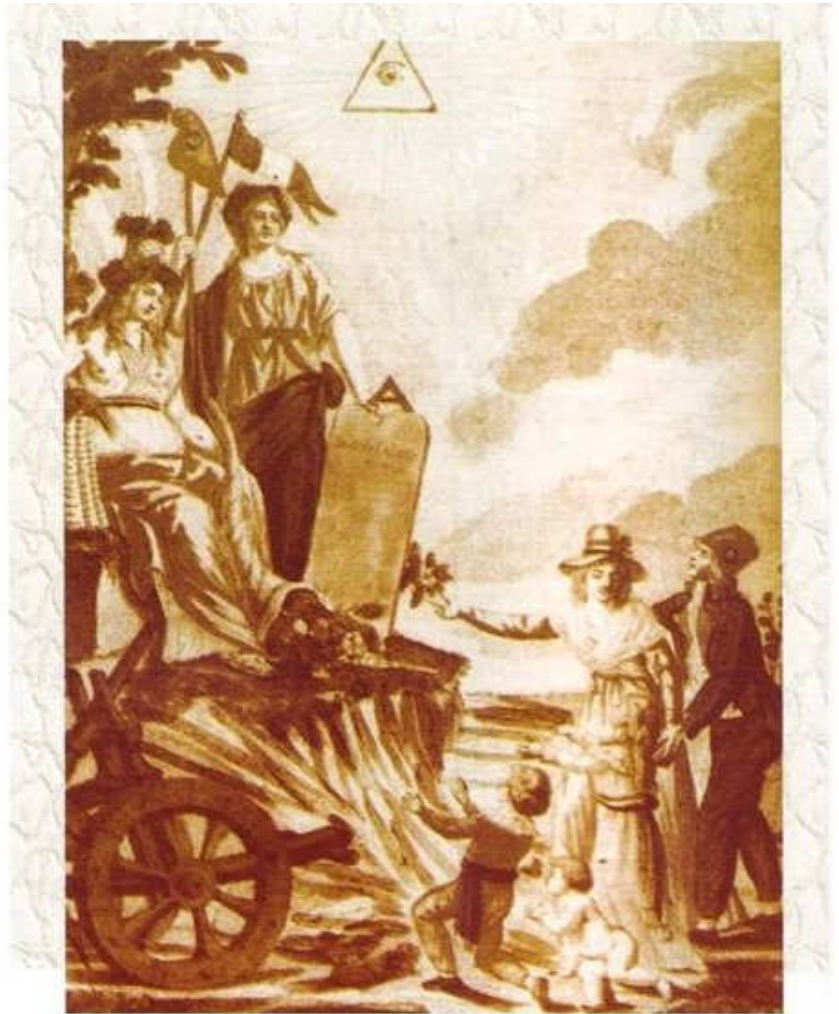
Se na doutrina Maçônica se tem procurado entender os reais objetivos da Ordem, é na religião que se empolgam os estudiosos, em virtude da sua origem mística e do seu relacionamento com ela durante todo o tempo de existência. Dessa guerra surda, travada contra os demandas da Igreja, em determinada época, ainda restam seqüelas.

A despeito da Sublime Ordem não ser uma religião, não deixa, entretanto, de ser religiosa, em face de seus conceitos e princípios para ser Maçom é necessário acreditar em Deus. Seu espírito, contudo, plana acima das rivalidades do ponto de vista metafísico e político, para fixar suas idéias de liberdade, de tolerância, de libertação e de solidariedade humana. Isso quer dizer que ela não proíbe e permite as divergências de pensamento entre seus membros, mormente suas opções religiosas.

Seria um equívoco pensar o contrário, porque todo Maçom é livre quanto à sua religião ou escola filosófica.

Assim, quando se diz que a Maçonaria é uma "cultura", está aí implícito que compará-la a uma "religião" é abusar de uma analogia, que nos pareceria evidente.

A analogia citada só funcionaria em parte se, por "religião", se en-



tendesse os primitivos complexos mitológicos em que crenças, ritos, superstições se fundem numa totalidade inseparável, algo inconcebível na Sublime Ordem.

As religiões são, por excelência, transportáveis para fora da sua cultura originária, e o são, precisamente, porque nelas o depósito inicial de revelação se transmuta numa formulação teológico-dogmática racional, com pretensões de verdade, à qual se oferece para ser validada ou impugnada no plano do exame teórico. Isto é, desenvolvidas através de raciocínio especulativo, apenas em teoria.

Apesar de não ser contrária às religiões e exposições filosóficas místicas ou ocultistas, a Maçonaria não admite, de maneira alguma, em suas Lojas, discussões nesse plano. Isso porque a essência do seu conteúdo intencional não está expres-

sa em discurso, mas imbricada organicamente, como um segredo mudo, do qual deve ser desentraçada por meio de sutis mutações de significado. Seria um procedimento esotérico, cuja autoridade transcende aos preceitos da Ordem, que hoje se intitula especulativa.

Matila Ghika, na revista *Nombre d'Or*, escreveu: "É justo e válido afirmar que a geometria esotérica pitagórica transmitiu-se depois da Antiguidade até o Século XVIII, de um lado pelas confrarias de construtores e, de outro, pela magia, através das rosáceas das catedrais, e os pentáculos dos mágicos. Dessa Maçonaria operativa nasceu a Maçonaria especulativa."

Essa citação apenas ratifica aquilo que já sabemos, ou seja, que as origens da Maçonaria especulativa en-



12

até invencionices! Para os atentos, as mentiras não têm valor algum.

Dentre os inúmeros pontos que são abordados, dois muito importantes quase sempre estão presentes em peças de arquitetura: Filosofia e Religião.

O primeiro, porque a Maçonaria se credita como uma instituição filosófica que, como tal, prega o aperfeiçoamento de cada um e em que se está em busca da Verdade.

O segundo, pelo seu envolvimento místico em diversos segmentos, é controverso desde o surgimento da Sublime Ordem, entre o seu deísmo, do princípio, e teísmo de sua continuidade.

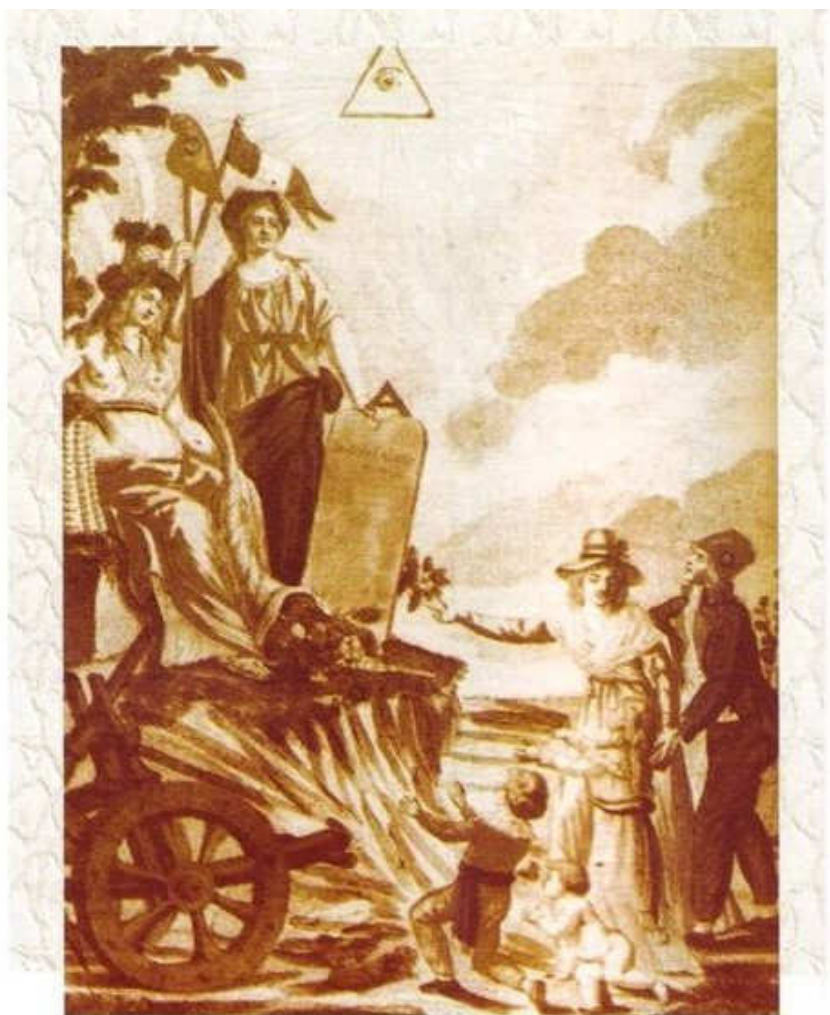
Se na doutrina Maçônica se tem procurado entender os reais objetivos da Ordem, é na religião que se empolgam os estudiosos, em virtude da sua origem mística e do seu relacionamento com ela durante todo o tempo de existência. Dessa guerra surda, travada contra os desmandos da Igreja, em determinada época, ainda restam seqüelas.

A despeito da Sublime Ordem não ser uma religião, não deixa, entretanto, de ser religiosa, em face de seus conceitos e princípios para ser Maçom é necessário acreditar em Deus. Seu espírito, contudo, plana acima das rivalidades do ponto de vista metafísico e político, para fixar suas idéias de liberdade, de tolerância, de libertação e de solidariedade humana. Isso quer dizer que ela não proíbe e permite as divergências de pensamento entre seus membros, mormente suas opções religiosas.

Seria um equívoco pensar o contrário, porque todo Maçom é livre quanto à sua religião ou escola filosófica.

Assim, quando se diz que a Maçonaria é uma "cultura", está aí implícito que compará-la a uma "religião" é abusar de uma analogia, que nos pareceria evidente.

A analogia citada só funcionaria em parte se, por "religião", se en-



tendesse os primitivos complexos mitológicos em que crenças, ritos, superstições se fundem numa totalidade inseparável, algo inconcebível na Sublime Ordem.

As religiões são, por excelência, transportáveis para fora da sua cultura originária, e o são, precisamente, porque nelas o depósito inicial de revelação se transmuta numa formulação teológico-dogmática racional, com pretensões de verdade, à qual se oferece para ser validada ou impugnada no plano do exame teórico. Isto é, desenvolvidas através de raciocínio especulativo, apenas em teoria.

Apesar de não ser contrária às religiões e exposições filosóficas místicas ou ocultistas, a Maçonaria não admite, de maneira alguma, em suas Lojas, discussões nesse plano. Isso porque a essência do seu conteúdo intencional não está expres-

sa em discurso, mas imbricada organicamente, como um segredo mudo, do qual deve ser desentranhada por meio de sutis mutações de significado. Seria um procedimento esotérico, cuja autoridade transcende aos preceitos da Ordem, que hoje se intitula especulativa.

Matila Ghika, na revista *Nombre d'Or*, escreveu: "É justo e válido afirmar que a geometria esotérica pitagórica transmitiu-se depois da Antiguidade até o Século XVIII, de um lado pelas confrarias de construtores e, de outro, pela magia, através das rosáceas das catedrais, e os pentáculos dos mágicos. Dessa Maçonaria operativa nasceu a Maçonaria especulativa."

Essa citação apenas ratifica aquilo que já sabemos, ou seja, que as origens da Maçonaria especulativa en-



" A despeito da Sublime Ordem não ser uma religião, não deixa, entretanto, de ser religiosa, em face de seus conceitos e princípios para ser Maçom é necessário acreditar em Deus. Seu espírito, contudo, plana acima das rivalidades do ponto de vista metafísico e político, para fixar suas idéias de liberdade, de tolerância, de libertação e de solidariedade humana."

contram-se na antiga Maçonaria operativa, e, os primórdios desta, nas antigas comunidades de construtores de pontes e magníficas catedrais da Europa, que não deixa de ser o testemunho da grande importância que lhes foi atribuída. A atividade especulativa deixou de exercer-se no mesmo plano, porém, subjetivamente, ficou, em tese, o que era a Maçonaria operativa desaparecida.

Há quem entenda ser a Maçonaria, que hoje praticamos, uma cultura religiosa-esotérica. Essa colocação, num raciocínio filosófico, científico, dogmático ou, até mesmo, ideológico, não faz o menor sentido. Como argumento retórico, nem pensar! Sendo um propósito enganoso, seria politicamente incorreto e inadmissível na Instituição.

Todavia, como pesquisa e divulgação esclarecedora, para se conscientizar da verdadeira origem, desenvolvimento e futuro da Maçonaria faz, aí sim, todo sentido do mundo. E mais: estaria salvando a essência cultural maçônica de uma possível ameaça de desvirtuamento ou, até, desaparecimento.

Compreende-se, pois, que a defesa da cultura Maçônica é uma urgência psicológica absoluta, que justifica todo e qualquer esforço por parte de autores, escritores, pesquisadores e, principalmente autoridades maçônicas. Nestas palavras, talvez, o não iniciado na Ordem pode-

rá descobrir alguma prova de uma ciência verdadeira e positiva. Todavia, não há empenho de persuasão para convertê-lo porque sabe-se como é grande a força das idéias preconcebidas. Além do mais, ninguém pode pretender possuir o conhecimento de algo misterioso se não concordar com o conteúdo das pesquisas empreendidas, divulgadas e – importante! – crer nele. Não bastará ser estudioso, ativo e perseverante se faltar o princípio sólido, concretamente alicerçado, e se o entusiasmo imoderado cegar-lhe a razão, deixando-o sem clarividência suficiente para saber discernir os pontos obscuros.

A Maçonaria esotérica, a exemplo da Maçonaria mística, está fora do *Grande Ideário Maçônico*, cuja interpretação se faz e se alcança através de alegorias tendentes a uma universalidade, na maioria das vezes, subjetivamente.

Não obstante, tanto o esoterismo como o misticismo, não raro, se vêem ligados à Ordem nessas próprias expressões. Vários conceitos e definições tentam explicar e justificá-las. Um deles diz que misticismo é uma comunicação direta com Deus, ou com seres do mundo sobrenatural, através da intuição ou da percepção imediata, e que o esoterismo é a prática de doutrinas secretas e cabalísticas somente acessíveis a um restrito número de iniciados, dotados de poderes de percepção extra-sensoriais com posições conceituais definidas, que são restritas a alguns homens privilegiados. Como são temas polêmicos, naturalmente geram controvérsias e ficam impedidos de serem levados às Lojas, que não admitem discussões religioso-filosóficas partidárias. Frise-se, contudo, que a Maçonaria não é contra as religiões, o esoterismo e o misticismo. Ela é apenas neutra em relação a esses temas, para que as Lojas possam receber os homens sem distinção de categoria social, de raça, cor, ou preferência política, face à sua maneira de agir depender do cará-

ter físico, intelectual, político e religioso da cada povo.

O esoterismo em si se apresenta como uma ciência dos segredos desde a Antiguidade. A atitude esotérica visa um aprofundamento dos valores e dos ensinamentos espirituais. Várias escolas filosóficas têm-se manifestado esotericamente pela distinção entre o ensino secreto interno, reservado apenas a alguns, e o ensino externo que elas, por outro lado, proporcionam. Se o esoterismo comporta segredos, entende-se que os segredos são de conhecimento dos Mestres, e estes os ministram aos adeptos, sem que os profanos tenham acesso. Este tipo de conhecimento e um privilégio de uns poucos, mas deve-se considerar que a Maçonaria é uma instituição, mais do que uma ciência, apesar de haver defensores que assim a definem.

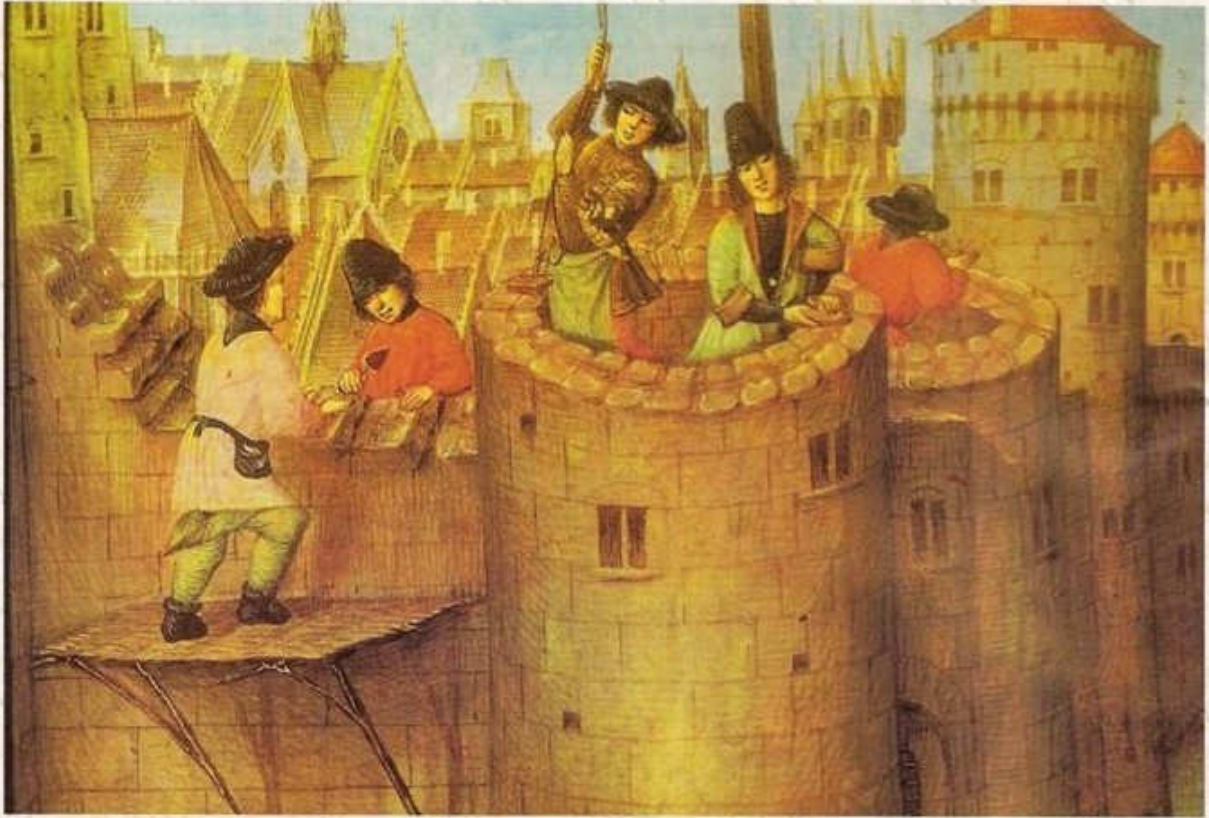
É sabido que todas as religiões têm esoterismo, cada uma dentro das suas características particulares ou, até, herdado de outras mais antigas.

O esoterismo na Maçonaria é muito grande. Parte dele vem da sua própria origem, com vínculos cristãos, mas foram adicionados elementos do esoterismo antigo, judaico, cabalista e até pitagórico.

O esoterismo em si pode ser definido como ciência das coisas secretas e, como foi dito, seu conhecimento deve ficar como privilégio de um número limitado de indivíduos. Pode ser ensinado por Mestres e ser compartilhado por seus discípulos. Implica, porém, a existência de um grupo social, no seio do qual é estudado. Deve-se ater que existem diversos esoterismos e que o fundamento da tradição esotérica se baseia num sistema de relações de equivalências entre todas as coisas: cada parte que vem pode ser considerada como um resumo do todo.

Seria impossível descrever melhor conceito de esoterismo no seu sentido etimológico e primário. Sem





“ O que lhes der melhor conceito do significado dos mistérios de nossa Ordem e, em consequência, acrescentar seu respeitoso culto por ela, não poderá ser desdenhável e, muito menos, absurdo.”

nismo, o que faz reforçar que a Maçonaria é esotérica.

O esotérico, de fato, não se contrapõe ao exotérico, mas, sim constitui a sua alma oculta. Nossa Ordem tem base, precisamente, na reserva de nossos símbolos que adquirem, no interior das Lojas, um significado muito mais profundo que a primeira vista e exotericamente têm. O que lhes der melhor conceito do significado dos mistérios de nossa Ordem e, em consequência, acrescentar um respeitoso culto por ela, não poderá ser desdenhável e, muito menos, absurdo.

Involuntariamente, graças aos pesquisadores e escritores maçônicos, está se instituindo a *Maçonaria Cultural Esotérica* (culto), que é colocar muitos em contato com o aspecto externo da verdade oculta.

Aqueles que se sintam aptos, e queiram possuir uma compreensão mais plena, poderão ascender a ela, lentamente, com o aprendizado através de leitura do que se publica a respeito.

Em termos bastante genéricos, o conhecimento esotérico pode ser definido como aquele restrito às pessoas que fazem parte de algum organismo ordenado, exclusivo e muitas vezes secreto. Sendo secreto, ele será contrário ao conhecimento exotérico disponível a qualquer pessoa que recorra aos compêndios adequados ou a mestres devidamente qualificados. Louve-se o esforço de quem deseja, de fato, compreender a essência da Maçonaria na atualidade e prever o seu futuro. ▲

vincular a Ordem à religião, mas referindo-se à pura concepção do termo esotérico (do grego *esoterikos*), que significa interior, e, a sua aceitação moderna de oculto ou reservado, poder-se-ia dizer que a Maçonaria é esotérica, pois conserva um silêncio em base de “segredos” que são confiados aos adeptos. Se o termo for exotérico (do grego *exoterikos*), que quer dizer exterior, entender-se-ia como antago



14

O Pensamento Vivo de Albert Pike

Moral and Dogma



Nota do Tradutor

O texto do Soberano Grande Comendador *Albert Pike*, depositado na Livraria do Congresso dos Estados Unidos da América, em 1871, não é um texto de fácil tradução por diversos motivos. O primeiro é que o autor tem um estilo difícil, quase sempre em linguagem indireta. O segundo foi atualizar o significado de alguns termos, alterado pelo tempo. Outro é que conceitos abstratos são delicados de traduzir, porque envolvem o conhecimento desses conceitos à luz da época. Finalmente, por mais que a cultura de Pike fosse imensa, do final do século XIX para cá a Arqueologia deu passos gigantescos. E tem ferramentas que permitiram entender fatos de forma concreta, coisa que, ao tempo de Pike, só seria possível especular. Por isso, alguns trechos, repetitivos ou irrelevantes para o contexto atual, foram suprimidos, indicados por [...].

Além disso, por mais que tenha evitado, alguns trechos não foram literalmente traduzidos para se facilitar a compreensão do leitor, moderno e brasileiro. Peço desculpas pelas eventuais liberdades que se fizeram necessárias. ▲

Príncipe do Tabernáculo Grau 24

Tradução livre de J.W. Kreuzer Bach

Os símbolos eram a linguagem quase universal das antigas teologias, o mais óbvio dos métodos de instrução, porque, como a própria natureza, carregavam o entendimento através do olhar. As expressões mais antigas da comunicação do conhecimento religioso implicavam no uso do sentido da visão. Os primeiros mestres da humanidade utilizaram-se desse método. [...] Essas lições de tempos idos eram como os enigmas da Esfinge, tentando os curiosos por sua singularidade, mas preche de riscos para o aventureiro que os tentasse interpretar. "Os deuses", dizia-se, "descobrem suas intenções para os sábios, mas para os tolos seus ensinamentos são ininteligíveis." E do Oráculo de Delfos era dito não para explicitar nem tampouco ocultar, mas, enfaticamente, para confidenciar ou dar a entender.

Os Antigos Sábios, tanto gregos como bárbaros, envolveram seus ensinamentos em desinformações e enigmas. Suas lições eram trans-

mitidas em símbolos visuais ou em parábolas e enigmáticos ditados, que os hebreus consideravam como dever sagrado transmiti-los inalterados a sucessivas gerações. Os artifícios de que o homem lançava mão para explicar, fossem objetos ou ações, símbolos ou cerimônias, eram como sinais e portentos místicos em sonhos ou nas coisas ao redor, supostamente capazes de interpretar as intenções dos deuses. Ambos requeriam ajuda de reflexão e habilidade de interpretação. Somente pela apreciação de problemas análogos na natureza é que a vontade dos Céus podia ser compreendida pela Sibila ou as lições de Sabedoria se manifestavam para o Sábio.

Os Mistérios constituíam-se numa série de símbolos; o que era falado consistia integralmente de explicações pertinentes ao ato ou imagem. [...] Sempre houve uma aliança íntima entre os dois sistemas, o simbólico e o filosófico, nas alegorias dos monumentos de todas as épocas, nos escritos simbólicos dos sa-



15

cerdotes de todas as nações, nos rituais de todas as sociedades secretas e misteriosas; lá se encontra uma seqüência constante, uma uniformidade invariável de princípios, que procedem de um todo vasto e impressionante, composto de partes que somente nele se encaixam harmoniosamente.

A instrução simbólica é recomendada pela prática constante e uniforme na antiguidade; e tem mantido sua influência através de todas as épocas como um sistema de comunicação misteriosa. A Divindade, em suas revelações ao homem, adotou o uso de imagens materiais com o propósito de infundir verdades sublimes; e Cristo ensinou por símbolos e parábolas. O conhecimento misterioso dos druidas estava incorporado em sinais e símbolos. **Taliesin**⁽¹⁾, descrevendo sua iniciação, dizia que os segredos lhe haviam sido conferidos pela idosa Gigante (**Ceridwen** ou **Isis**), sem empregar linguagem audível. E adiante disse ainda: "Sou um proficiente silencioso."

A iniciação era uma escola na qual se ensinava as verdades da revelação primitiva, a existência e os atributos de um Deus único, a imortalidade da Alma, recompensas e punições numa vida futura, os fenômenos da Natureza, as artes, as

Há um renascimento celta em moda. Nas jóias atuais que evocam motivos celtas, o caldeirão de **Ceridwen** é um tema constante.



ciências, moralidade, legislação, filosofia e filantropia, além daquilo que hoje denominamos psicologia e metafísica, com magnetismo animal⁽²⁾ e outras ciências ocultas.

As idéias dos sacerdotes do Hindustão, Pérsia, Síria, Arábia, Caldéia e Fenícia eram conhecidas dos sacerdotes egípcios. A racional filosofia hindu, depois de penetrar na Pérsia e na Caldéia, deu origem aos mistérios egípcios.⁽³⁾ Sabemos que o uso de hieróglifos foi precedido, no Egito, pelo de símbolos e figuras, facilmente entendíveis, dos reinos animal, vegetal e mineral. Assim foram usados pelos hindus, persas e caldeus para expressar seus pensamentos. Essa filosofia primitiva foi a base da moderna filosofia de **Pitágoras** e **Platão**.

Todos os filósofos e legisladores que deram brilho à Antiguidade foram pupilos da iniciação; e todas as benéficas modificações nas religiões dos diferentes povos que eles instruíram são devidas ao fato de que eles instituíram e estenderam os Mistérios. No caos da superstição popular, unicamente esses Mistérios impediram o homem de decair na brutalidade absoluta. **Zoroastro** e **Confúcio** tiraram suas doutrinas dos Mistérios. **Clemente de Alexandria**⁽⁴⁾, falando dos Grandes Mistérios, diz: "Aqui termina toda instrução. A Natureza e todas as coisas são vistas e conhecidas."

Tivessem apenas as verdades morais sido ensinadas ao Iniciado, os Mistérios não poderiam jamais ter merecido ou recebido os elogios dos homens mais esclarecidos da Antiguidade, entre eles **Píndaro**, **Plutarco**, **Isócrates**, **Diodorus**, **Platão**, **Eurípedes**, **Sócrates**, **Aristófanes**, **Cícero**, **Epitecto** e **Marco Aurélio**, todos filósofos hostis ao espírito sacerdotal ou historiadores devotados à investigação da Verdade. Não. Todas as ciências eram ensinadas lá; e aquelas tradições orais ou escritas, que chegavam à primeira das idades do mundo, sucintamente comunicadas.

Sócrates disse, no *Fedro*, de **Pla-**



Os motivos celtas servem como permanente fonte de inspiração, principalmente na decoração de jóias, uma vez que os celtas eram hábeis artífices em metal.

tão: "Bem parece que aqueles que estabeleceram os Mistérios ou assembléias secretas dos iniciados não eram personagens insignificantes, mas homens de grande gênio que, nos primeiros tempos, buscaram ensinar-nos através de enigmas que aquele que for às regiões invisíveis sem ser purificado será precipitado no abismo; enquanto aquele que lá chega, purgado das manchas deste mundo, completo nas virtudes, esse será admitido na morada da Divindade. Aos iniciados é certo que alcancem a companhia dos Deuses."

Pretextatus, que foi procônsul da Achaia⁽⁵⁾, um homem adornado por todas as virtudes, disse que privar os gregos dos Mistérios Sagrados que ligavam toda a raça humana tornaria a vida insuportável.

A Iniciação era considerada a morte mística; uma descida às regiões infernais, onde a poluição, as nódoas e as imperfeições de uma vida corrupta e mal vivida eram purgadas pelo fogo e pela água; e dizia-se que o perfeito *Epopt*⁽⁶⁾ tinha sido regenerado, renascido, restituído a uma existência de vida, luz e pureza; e colocado sob a Proteção Divina.

Uma nova linguagem foi adaptada a essas celebrações, como também

uma linguagem de hieróglifos, desconhecidos de todos exceto daqueles que receberam o Grau mais alto, em quem, finalmente, ficavam restritos o aprendizado, a moral e o poder político de cada povo entre os quais os Mistérios eram praticados. O conhecimento dos hieróglifos desse Grau maior era tão eficazmente era oculto de todos, menos de uns poucos favorecidos, que, com o tempo, seu significado foi inteiramente perdido e ninguém mais poderia interpretá-los.

Os hieróglifos, caso fossem empregados nos Graus mais altos e nos menores, tinham significados diferentes, mais figurativos e difíceis de entender. Pretendeu-se, em tempos posteriores, que a linguagem e os hieróglifos sagrados fossem os mesmos utilizados pelas Divindades Celestiais. Tudo que pudesse aumentar o mistério da iniciação foi acrescido, até que o próprio nome da cerimônia viesse a possuir um estranho encanto e, ao mesmo tempo, despertar os mais desenfreados receios. O arrebatamento maior acabou expresso pela palavra que significava passar pelos Mistérios.

O Sacerdócio possuía um terço do Egito. Os sacerdotes ganharam muito de sua influência através dos Mistérios e não poupavam meios para demonstrar ao povo sua plena importância. Eles os representavam como o início de uma nova vida de razão e virtude. Dizia-se dos iniciados, ou companheiros esotéricos, que estes antecipavam com agrado a morte e a eternidade para compreender os mistérios ocultos da Natureza; para ter suas almas restauradas à perfeição original da qual o homem havia decaído; e para ter acesso à mansão celestial dos Deuses. As doutrinas de uma condição futura de recompensas e punições tinham destaque nos Mistérios; delas se esperava que assegurassem muita felicidade e boa fortuna temporais e que propiciassem absoluta segurança contra os mais iminentes perigos de terra ou mar. O

A Ísis com o filho Horus no colo. A lenda conta ainda que o rio Nilo presente das lágrimas da deusa.



opróbrio público era lançado contra os que se recusavam a iniciarse. Eram considerados profanos, indignos do emprego público ou da confiança pessoal; e tidos como condenados à punição eterna por impiedade. Trair os segredos dos Mistérios, usar no palco os trajes de um Iniciado ou zombar dos Mistérios era certo de trazer a morte pela vingança pública.

É certo que, ainda ao tempo de Cícero, os Mistérios ainda retinham muito de sua pureza e características originais. E que, mais tarde, Nero, depois de cometer um crime horrendo, não se atreveu, mesmo na Grécia, a ajudar na celebração dos Mistérios; nem, em data ainda mais posterior, Constantino, o imperador cristão, tenha sido permitido fazê-lo, depois que assassinara seus parentes.

Em todas as partes e em todas as suas formas, os Mistérios foram fúnebres; e celebravam a morte mística e a restauração da vida de algum personagem heróico ou divino; e os detalhes da lenda e do modo da morte variavam nos diferentes países onde os Mistérios eram praticados.

Sua explicação pertence tanto à astronomia quanto à mitologia; e a Lenda do Grau de Mestre não é senão outra das formas dos Mistérios, alcançando, de uma ou outra forma, a mais remota antiguidade.

Se a Lenda se originou no Egito ou foi tomada emprestada da Índia ou da Caldéia, hoje é impossível de dizer. Mas os hebreus receberam os Mistérios dos Egípcios; e, naturalmente, conheciam sua própria lenda. [...] Era a fábula (ou melhor, a verdade vestida por alegorias e imagens) de Osíris, o Sol, Fonte de Luz e Princípio do Bem, e Tifon, o Princípio da Escuridão e da Maldade. Em todas as histórias dos Deuses e Heróis estão ocultos detalhes astronômicos e ações visíveis da Natureza; e estes, por sua vez, eram símbolos de verdades mais profundas. Ninguém, a não ser os inte-





As almas dos que morriam, segundo a mitologia egípcia, iam para o mundo escuro e subterrâneo, onde se uniam ao deus maior, Osíris.

lectos rudes ou menos cultivados, poderia considerar o Sol, as estrelas e os poderes da Natureza como divinos ou dignos de serem cultuados pelos humanos; porém, ainda assim, os cultuarão enquanto o mundo perdurar; e permanecerão ignorantes das grandes Verdades Espirituais, das quais aqueles são os hieróglifos e a expressão.

Um breve resumo da lenda egípcia servirá para mostrar as idéias fundamentais em que se basearam os Mistérios entre os hebreus.⁽⁷⁾

Osíris, de quem se diz ter sido um antigo rei do Egito, era o Sol e **Isis**, sua mulher, a Lua. Sua história conta, em estilo figurativo e poético, a jornada da Grande Luminária dos Céus, através dos diferentes signos do Zodíaco.

Na ausência de Osíris, seu irmão Tífon, cheio de inveja e malícia, quis usurpar seu trono, mas seus

planos. Ele então resolveu assassinar Osíris e o fez, persuadindo-o a entrar num sarcófago, que atirou no Nilo. Depois de uma longa busca, Isis encontrou o corpo e o escondeu no fundo da floresta; Tífon, porém, encontrou o corpo e cortou-o em quatorze pedaços, espalhando-os por toda parte. Depois de uma busca cansativa, Isis encontrou treze partes, porque os peixes comeram a outra (os genitais), que ela substituiu por madeira, enterrando o corpo em Philae, onde foi erigido um magnífico templo em honra de Osíris.

Isis, ajudada por seu filho **Orus**, **Horus** ou **Har-oei**, guerreou contra Tífon, matou-o e reinou gloriamente. Após sua morte, foi reunida a seu marido no mesmo túmulo.

Tífon era representado como nascido da terra, sendo a parte superior de seu corpo coberta de penas, sua estatura chegando às nuvens, seus braços e pernas cobertos de escamas, serpentes saindo de seu corpo e fogo de sua boca.

Horus, que ajudou a matá-lo, tornou-se o Deus-Sol, semelhante ao deus grego **Apolo**. Tífon nada mais é do que um anagrama de Píton⁽⁸⁾, a grande serpente morta por Apolo.

A palavra Tífon, como **Eva**, significa serpente e vida. Por sua forma, a serpente simboliza a vida, que circula por toda a natureza. Quando, ao final do outono, a Mulher na constelação (Virgo) parece, na esfera caldéia, esmagar a cabeça da serpente sob os pés, essa ilustração antecipa a chegada do inverno, durante o qual a vida parece desaparecer de todos os seres e não mais circular na natureza. É por isso que Tífon também significa uma serpente, o símbolo do inverno que, nos templos católicos, é representada circundando o Globo Terrestre, ao qual se sobrepõe a cruz celestial, emblema da redenção.

Se a palavra Tífon for derivada de *tupoul*, significa uma árvore que

produz maçãs, a origem judaica da queda do homem. Tífon significa também aquele que suplanta, e também as paixões humanas, que expulsam de nossos corações as lições da sabedoria. Na fábula egípcia, Isis escrevia a palavra sagrada para a instrução dos homens; e Tífon a apagava tão logo ela escrevia. No estudo da moral, seu nome significa *Orgulho*, *Ignorância* e *Falsidade*.

Quando Isis encontrou o corpo perto de Biblos, para onde ele tinha fluído para a margem, um arbusto de *érica* cresceu, para protegê-lo, até transformar-se em uma árvore; daí o nosso ramo de acácia. Isis foi também ajudada em sua busca por **Anúbis**, este sob a forma de um cão. Ele era Sirius, a Estrela do Cão, amigo e conselheiro de Osíris, inventor da linguagem, gramática, astronomia, aritmética, música e ciências médicas; o primeiro fazedor de leis, que também ensinou a adorar os Deuses e a construir Templos.

Nos Mistérios, o ato de pregar o caixão ou a arca com o corpo de Osíris era denominado o desaparecimento (do Sol no Solstício de Inverno, abaixo do Trópico de Capricórnio) e a recuperação das diferentes partes do corpo por Ísis, a descoberta, ou Euresis.⁽⁹⁾ Nos Mistérios de todas as partes, o candidato passava por uma cerimônia representando este fato.

Os fatos principais da fábula eram os mesmos em todos os países; e as Divindades protagonistas sempre um homem e uma mulher. No Egito, eram Osíris e **Ísis**; na Índia, **Mahadeva** e **Bhavani**; na Fenícia, **Thamuz** e **Astarte**; na Frígia, **Átis** e **Cibele**; na Pérsia, **Mitras** e **Asis**; na Samotrácia e na Grécia, **Dionísio** ou **Sabazeu** e **Réa**; na Bretanha, **Hu** e **Ceridwen**; e na Escandinávia, **Wotan** e **Freia**. Em cada um desses exemplos, as Divindades representavam o Sol e a Lua.

Os Mistérios de Osíris, Ísis e Horus parecem ter sido o modelo para todas as cerimônias de iniciação



18



A Liberdade Guarnido o Pivo, quadro do pintor francês Eugène Delacroix (1798-1863)

subseqüentes entre os diferentes povos do mundo. [...] Os antigos afirmavam que a **Ceres** dos gregos era a mesma **Ísis** dos Egípcios e **Dionísio** (ou **Baco**) o mesmo **Osíris**. [...]

Osíris casou-se com sua irmã **Ísis** e trabalharam para melhorar a vida dos homens. Ele os ensinou a cultivar e **Ísis** lhes inventou as leis. [...] Ambos eram patronos dos artífices e de suas úteis invenções. Introduziram o uso do ferro para armas defensivas e implementos agrícolas e do ouro para adornar os templos dos Deuses. [...]

Tifon, seu irmão, matou-o quando o Sol estava no signo do Escorpião, no Equinócio de Outono. Segundo

Sinésio(10), eles tinham sido candidatos rivais ao trono do Egito, do mesmo modo em que a Luz e as Trevas competem para o império do mundo. [...]

Aqueles que instituíram os Mistérios pretendiam fortalecer a religião e consolar os homens em seus sofrimentos através da esperança da fé religiosa, cujos princípios lhes eram apresentados inseridos num cerimonial pomposo e sob o véu sagrado da alegoria. [...]

Os Mistérios, nos quais estes incidentes foram representados e explicados, eram semelhantes aos de **Elêusis**. Segundo **Pausânias**, que neles foi iniciado, diz que os gregos,

Os sábios que acompanharam Napoleão ao Egito, fascinados, copiaram e gravaram o teto da necrópole de Dendera, em que aparecem as divindades do panteão egípcio sustentando a abóbada celeste. No círculo central, podemos distinguir o zodiaco. Divindades menores, que participavam dos rituais e servem como indicativos das horas noturnas.





O Retorno de Perséfone, quadro de Lord Leighton (1830-1896)

Deméter recuperou a filha raptada por Hades, deus dos infernos, depois de procurá-la por toda a terra. Fez secar as colheitas enquanto Perséfone não lhe fosse devolvida. Para que o mundo não percesse, Zeus obrigou Hades a aceitar que Prosérpina passasse parte do ano com o marido e parte no mundo exterior. Este mito explica o ciclo da vida agrícola e é a base dos Mistérios de Elêusis.

na ciência sagrada tão logo subiam ao trono. Assim, em Atenas, o primeiro magistrado, ou arconte-rei, supervisionava os Mistérios. Esta era uma imagem da união que existia entre o sacerdócio e a realeza, naqueles tempos em que legisladores e reis buscavam na religião um poderoso instrumento político. [...] É fácil perceber qual a grande finalidade da iniciação e dos Mistérios, cujo primeiro e maior dos resultados era, como todos os antigos testemunham, civilizar as hordas bárbaras, suavizar suas maneiras selvagens, introduzindo entre eles o benefício do intercuro social e levando-os a uma vida digna de seres humanos. Cícero considera a instituição dos Mistérios de Elêusis como o maior de todos os benefícios conferido por Atenas aos outros povos; seus efeitos foram, diz ele, civilizá-los, atenuar seus modos rudes e ensinar-lhes os princípios de moralidade, que inicia o homem na única forma de vida digna dele. O mesmo Cícero, falando de Ceres e Prosérpina⁽¹¹⁾, diz que a humanidade deve, a essas Deusas, os primeiros elementos de vida moral, bem como o primeiro meio de sustento da vida física e o conhecimento de leis. [...]

Este duplo objetivo, político e religioso um ensinando nossos deveres para com os homens e, o outro,

desde a mais remota antiguidade, os consideravam como a mais bem pensada de todas as formas de levar os homens à compaixão; e Aristóteles afirmava que eram a mais valiosa de todas as instituições religiosas e que, por isso, eram chamados de mistérios por excelência; assim, o Templo de Elêusis era considerado, de certa forma, como o santuário comum de toda a terra, onde a religião reunia o que havia de mais solene e mais sublime.

O objetivo dos Mistérios era inspirar compaixão nos homens e consolá-los nas misérias da vida. Esse

consolo era a esperança de um futuro mais feliz e de passar, depois da morte, a um estado de felicidade eterna.

Cícero diz que os Iniciados não somente recebiam lições que tornavam a vida mais agradável como também tiravam, das cerimônias, bons auspícios para o momento da morte. Sócrates fala daqueles afortunados admitidos nos Mistérios como tendo, ao morrer, as mais gloriosas esperanças de eternidade. [...]

Os reis do Egito exerciam as funções do sacerdócio, sendo iniciados



20

aqueles que devemos aos Deuses ou, mais próprio ainda, o respeito pelos Deuses calculado para nos fazer guardar o respeito que devemos às leis é encontrado no conhecido verso de Virgílio, tomado de empréstimo das cerimônias de iniciação: "Ensinem-me a respeitar a Justiça e os Deuses." Esta grande lição, que o Hierofante inculcava nos Iniciados, depois que estes assistiam uma representação das regiões infernais, o poeta coloca depois de sua descrição das diferentes punições impostas aos malvados no Tártaro, incluindo a de Sísifo [...] consequência do desprezo que mostrou pelos Mistérios de Elêusis. [...]

Os Mistérios eram trabalho de gênio, o que se torna evidente no emprego de todas as ciências então conhecidas e um profundo conhecimento do coração humano e nos meios de domá-lo. Erro maior é considerá-los um meio de enganar, invenção de charlatães. Eles podem, com o passar do tempo, ter degenerado em embuste e fonte de idéias falsas, mas não eram assim no início; ou então os melhores e mais sábios homens da antiguidade se expressaram com falsidade. No processo do tempo, mesmo as alegorias dos Mistérios o Tártaro e suas punições, Minos e os demais juizes dos mortos tornaram-se incompreendidos e, por isso, falsos. No entanto, no início eram verdadeiros, porque eram considerados apenas como formas arbitrarias que serviam para vestir as verdades.

O objetivo dos Mistérios era trazer ao homem a felicidade real na terra; e para isso ensinavam-lhe que a alma era imortal, e que os erros os pecados e os vícios, por uma lei inflexível, provocariam consequências. Poetas e mistagogos⁽¹²⁾ propagaram essa doutrina de imortalidade da alma e de punição inexorável para os vícios junto aos povos, ensinando-os em seus poemas e santuários. [...] Essas delicias e esses horrores eram exibidos como espe-

táculos [...] aos quais se dava o nome de iniciações ou mistérios. A curiosidade era despertada pelo segredo, pela dificuldade de obter admissão e pelos testes pelos quais os candidatos teriam que passar. O candidato era entretido pelo cenário variado, pela pompa na decoração e pelos engenhos mecânicos. O respeito era inspirado pela solene dignidade dos atores e pela majestade do cerimonial. Medo e esperança, tristeza e alegria se alternavam. Os Hierofantes, homens de intelecto e conhecedores do ânimo das pessoas e da arte de controlá-las, usavam todos os artefatos possíveis para tal, para impressionar e dar noção da importância das cerimônias. Como cobriam essas cerimônias com o véu do segredo, análogamente preferiam que a noite os cobrisse com seu manto. A obscuridade predispõe as pessoas a serem impressionadas e ajuda a ilusão; e eles a usavam para produzir efeito sobre o atônito Iniciado. As cerimônias eram realizadas em cavernas pouco iluminadas. Bosques fechados eram plantados ao redor dos Templos para produzir aquela atmosfera sombria que impressiona o espírito com temor religioso.

(continua)

Notas

[1] **Taliesin** e **Ceridwen** são figuras da mitologia celta. Taliesin, mais tarde o principal bardo das lendas Arturianas, era filho de Ceridwen, a deusa da transformação, cujo símbolo era o caldeirão. Há uma cidade nos Estados Unidos chamada Taliesin, batizada com esse nome pelo famoso arquiteto **Frank Lloyd Wright** em honra ao bardo.

[2] A teoria de que fluidos magnéticos corriam pelos corpos dos seres vivos foi apresentada pelo austríaco **Anton Mesmer** [...]. Em 1784, o rei **Luís XVI** designou uma comissão, composta por **Antoine Lavoisier**, **Benjamin Franklin** e **Joseph Guillotin**, para verificar a veracidade dos poderes curativos que Mesmer defendia. Embora os sábios concluíssem que as eventuais curas eram devidas à auto-sugestão, as idéias de Mesmer iriam influenciar o uso posterior do hipnotismo na Medicina.

[3] Não esqueçamos de que **Pike** escrevia em meados do século XIX, quando nem a Arqueologia nem as comunicações tinham a

fantástica amplitude de hoje. O trabalho dele relativo às antigas civilizações não teve esse benefício. Em sua introdução ao Livro das Palavras, **Arturo de Hoyos**, 33º, explica que Pike aventurou-se em assuntos "sem relevância para as antigas tradições maçônicas. [...] Alguns destes incluem suas curiosas referências às origens egípcias, simbolismo gerador e teologia hindu".

[4] **Titus Flavius Clemens**, que viveu cerca de 150 a 230 a.C., usou idéias da filosofia grega para explicar a doutrina cristã, afirmando que tanto a fé quanto o conhecimento eram necessários para viver de acordo com a vontade de Deus.

[5] **Acaia** era uma faixa de terra da Grécia antiga, limitada pelo golfo de Corinto ao norte e a Arcádia, ao sul. Durante a dominação romana, o nome estendeu-se para significar toda a Grécia, cujo governador tinha o título de procônsul.

[6] **Epopt** (não há termo correspondente em português), no grego antigo literalmente espectador, significava uma pessoa iniciada por completo nos Mistérios de Elêusis.

[7] Boa parte da lenda de Osíris e Isis foi transcrita por Pike da obra de **Thomas Bulfinch**, famoso estudioso das mitologias grega, egípcia e escandinava, cujo *Age of the Fable* [A Idade da Fábula] é um dos grandes e mais compreensíveis clássicos. Lamentavelmente, minha edição do livro de Pike, de 1958, não cita a fonte.

[8] Em inglês, **Piton** e **Tifon** dão um anagrama perfeito, *Phyton* e *Typhon*.

[9] Em grego, pretérito perfeito do verbo *heuriskein*, encontrar, achar, de onde vem a famosa interjeição atribuída a **Arquimedes**: *Eureka!* [Achei!]

[10] **Sínésio** foi bispo de Cirene, falecendo em 414 A.D., tendo sido discípulo da famosa filósofa **Hipátia**, com que estudou filosofia, matemática, astronomia e "de tudo um pouco".

[11] **Ceres** (**Demeter**, dos gregos) era a deusa da agricultura e, conseqüentemente, da fertilidade e do matrimônio. Como tal, seus rituais eram intimamente ligados aos da mãe-terra ancestral. Sua filha **Prosérpina** (**Perséfone**, para os gregos) foi raptada por **Plutão** (o **Hades** grego), com quem acabou casando. Os gregos explicavam pela mitologia o ciclo das estações do ano. Durante o terço do ano que Perséfone passava com o marido, sob a terra, as plantas secavam, para ressurgir na primavera. Mãe e filha formam a base dos Mistérios de Elêusis.

[12] **Mistagogo**, entre os antigos gregos, era sacerdote que iniciava os neófitos nos mistérios de Elêusis.



aqueles que devemos aos Deuses ou, mais próprio ainda, o respeito pelos Deuses calculado para nos fazer guardar o respeito que devemos às leis é encontrado no conhecido verso de Virgílio, tomado de empréstimo das cerimônias de iniciação: "Ensinem-me a respeitar a Justiça e os Deuses." Esta grande lição, que o Hierofante inculcava nos Iniciados, depois que estes assistiam uma representação das regiões infernais, o poeta coloca depois de sua descrição das diferentes punições impostas aos malvados no Tártaro, incluindo a de Sísifo [...] consequência do desprezo que mostrou pelos Mistérios de Elêusis. [...]

Os Mistérios eram trabalho de gênio, o que se torna evidente no emprego de todas as ciências então conhecidas e um profundo conhecimento do coração humano e nos meios de domá-lo. Erro maior é considerá-los um meio de enganar, invenção de charlatães. Eles podem, com o passar do tempo, ter degenerado em embuste e fonte de idéias falsas, mas não eram assim no início, ou então os melhores e mais sábios homens da antiguidade se expressaram com falsidade. No processo do tempo, mesmo as alegorias dos Mistérios o Tártaro e suas punições, Minos e os demais juizes dos mortos tornaram-se incompreendidos e, por isso, falsos. No entanto, no início eram verdadeiros, porque eram considerados apenas como formas arbitrárias que serviam para vestir as verdades.

O objetivo dos Mistérios era trazer ao homem a felicidade real na terra; e para isso ensinavam-lhe que a alma era imortal; e que os erros os pecados e os vícios, por uma lei inflexível, provocariam consequências. Poetas e mistagogos⁽¹²⁾ propagaram essa doutrina de imortalidade da alma e de punição inexorável para os vícios junto aos povos, ensinando-os em seus poemas e santuários. [...] Essas delicias e esses horrores eram exibidos como espe-

táculos [...] aos quais se dava o nome de iniciações ou mistérios. A curiosidade era despertada pelo segredo, pela dificuldade de obter admissão e pelos testes pelos quais os candidatos teriam que passar. O candidato era entretido pelo cenário variado, pela pompa na decoração e pelos engenhos mecânicos. O respeito era inspirado pela solene dignidade dos atores e pela majestade do cerimonial. Medo e esperança, tristeza e alegria se alternavam. Os Hierofantes, homens de intelecto e conhecedores do ânimo das pessoas e da arte de controlá-las, usavam todos os artifícios possíveis para tal, para impressionar e dar noção da importância das cerimônias. Como cobriam essas cerimônias com o véu do segredo, análogamente preferiam que a noite os cobrisse com seu manto. A obscuridade predispõe as pessoas a serem impressionadas e ajuda a ilusão; e eles a usavam para produzir efeito sobre o atônito Iniciado. As cerimônias eram realizadas em cavernas pouco iluminadas. Bosques fechados eram plantados ao redor dos Templos para produzir aquela atmosfera sombria que impressiona o espírito com temor religioso.

(continua)

Notas

(1) **Taliesin** e **Ceridwen** são figuras da mitologia celta. Taliesin, mais tarde o principal bardo das lendas Arturianas, era filho de Ceridwen, a deusa da transformação, cujo símbolo era o caldeirão. Há uma cidade nos Estados Unidos chamada Taliesin, batizada com esse nome pelo famoso arquiteto **Frank Lloyd Wright** em honra ao bardo.

(2) A teoria de que fluidos magnéticos corriam pelos corpos dos seres vivos foi apresentada pelo austríaco **Anton Mesmer** (...). Em 1784, o rei **Luís XVI** designou uma comissão, composta por **Antoine Lavoisier**, **Benjamin Franklin** e **Joseph Guillotin**, para verificar a veracidade dos poderes curativos que Mesmer defendia. Embora os sábios concluíssem que as eventuais curas eram devidas à auto-sugestão, as idéias de Mesmer iriam influenciar o uso posterior do hipnotismo na Medicina.

(3) Não esqueçamos de que **Pike** escrevia em meados do século XIX, quando nem a Arqueologia nem as comunicações tinham a

fantástica amplitude de hoje. O trabalho dele relativo às antigas civilizações não teve esse benefício. Em sua introdução ao Livro das Palavras, **Arturo de Hoyos**, 33º, explica que Pike aventurou-se em assuntos "sem relevância para as antigas tradições maçônicas. [...] Alguns destes incluem suas curiosas referências às origens egípcias, simbolismo gerador e teologia hindu".

(4) **Titus Flavius Clemens**, que viveu cerca de 150 a 230 a.C., usou idéias da filosofia grega para explicar a doutrina cristã, afirmando que tanto a fé quanto o conhecimento eram necessários para viver de acordo com a vontade de Deus.

(5) **Acaia** era uma faixa de terra da Grécia antiga, limitada pelo golfo de Corinto ao norte e a Arcádia, ao sul. Durante a dominação romana, o nome estendeu-se para significar toda a Grécia, cujo governador tinha o título de procônsul.

(6) **Epopt** (não há termo correspondente em português), no grego antigo literalmente espectador, significava uma pessoa iniciada por completo nos Mistérios de Elêusis.

(7) Boa parte da lenda de Osiris e Isis foi transcrita por Pike da obra de **Thomas Bullfinch**, famoso estudioso das mitologias grega, egípcia e escandinava, cujo *Age of the Fable* (A Idade da Fábula) é um dos grandes e mais compreensíveis clássicos. Lamentavelmente, minha edição do livro de Pike, de 1958, não cita a fonte.

(8) Em inglês, **Piton** e **Tifon** dão um anagrama perfeito, *Phyton* e *Typhon*.

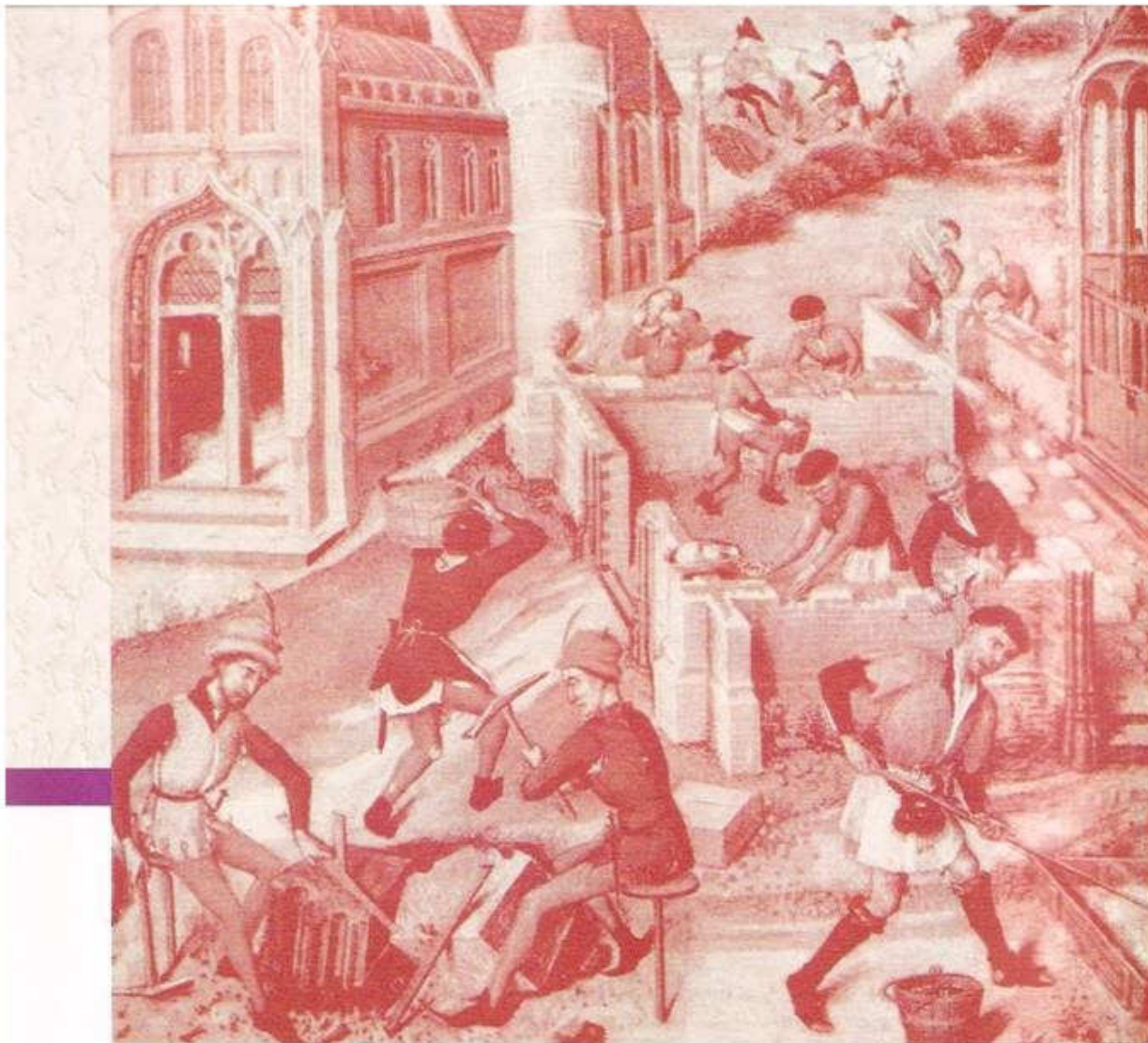
(9) Em grego, pretérito perfeito do verbo *heuriskein*, encontrar, achar, de onde vem a famosa interjeição atribuída a **Arquimedes**: *Eureka!* (Achei!)

(10) **Sínésio** foi bispo de Cirene, falecendo em 414 A.D., tendo sido discípulo da famosa filósofa **Hipátia**, com que estudou filosofia, matemática, astronomia e "de tudo um pouco".

(11) **Ceres** [**Demeter**, dos gregos] era a deusa da agricultura e, conseqüentemente, da fertilidade e do matrimônio. Como tal, seus rituais eram intimamente ligados aos da mãe-terra ancestral. Sua filha **Prosérpina** [**Perséfone**, para os gregos] foi raptada por **Plutão** (o **Hades** grego), com quem acabou casando. Os gregos explicavam pela mitologia o ciclo das estações do ano. Durante o terço do ano que Perséfone passava com o marido, sob a terra, as plantas secavam, para ressurgir na primavera. Mãe e filha formam a base dos Mistérios de Elêusis.

(12) **Mistagogo**, entre os antigos gregos, era sacerdote que iniciava os neófitos nos mistérios de Elêusis.





A Ritualística, uma Tradição a ser cultivada com Orgulho

João Chiarelli Salgado, 33º



22

Toda instituição que possua um trabalho ritualístico, cultivado com esmero e fidelidade, certamente haverá de perpetuar seus ensinamentos. A própria história da Ordem Maçônica nos mostra esta realidade.

O trabalho ritualístico não é somente uma bela e dramática forma de atuação; é, também, uma parte eficiente e importante da marca e do estilo da Ordem Maçônica.

Uma ritualística pobre tende a ofuscar o brilho de uma reunião.

Quando a parte ritualística é feita corretamente, com amor e dedicação, faz com que uma reunião – que muitas vezes não apresente riqueza maior de programação – se torne uma grande arte. O significado de cada gesto, de cada passo, de cada movimento, aumenta a beleza de uma reunião, quando bem executados.

Como qualquer drama respeitável, nosso trabalho ritualístico mostra não só a beleza de nossa história e tradição, mas também a verdade incontestável dos ensinamentos legados pelo Criador.

Mais ainda, quando nosso trabalho ritualístico é apresentado da forma mais correta possível, até memorizado ou, ainda, lido corretamente, torna-se parte integrante de cada um de nós. Cada sílaba fica gravada em nossa memória e cada gesto e lição impressos em nosso espírito.

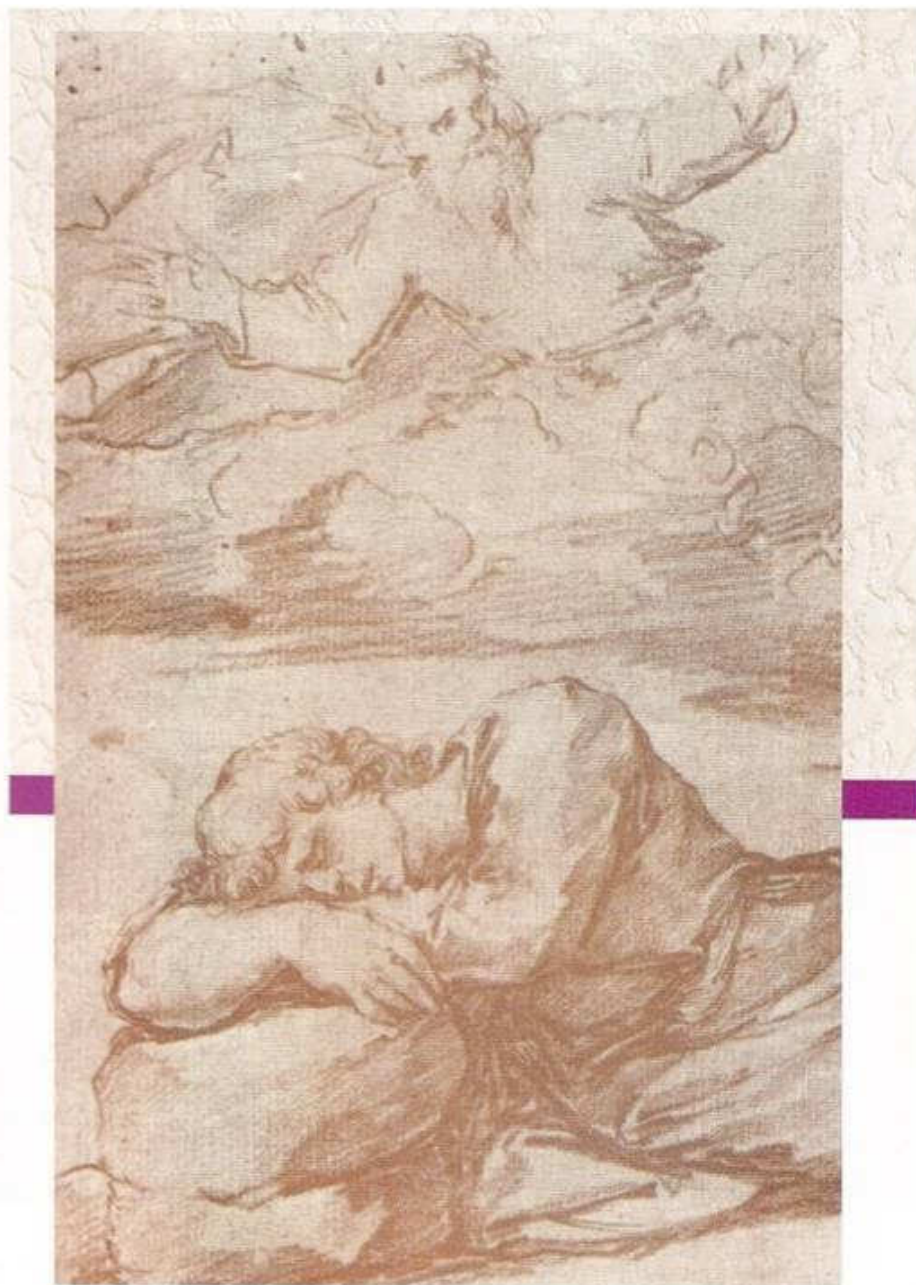
Quando transmitimos este conhecimento a um novo Irmão da melhor forma, fazemos com que ele sinta em cada palavra e movimento, o desejo de cultivar com carinho as lições aprendidas e a ânsia de aprender cada vez mais.

Quando nós dissermos a um neófito o quanto o Amor Fraternal pode significar, o quanto nossos ensinamentos são importantes na edição do caráter humano, a perpetuidade dessa verdade não se perderá. A beleza de um trabalho ritualístico dá a idéia de unidade que é, com efeito, a essência de nossas vidas.

Quando entramos em Templo Maçônico não estamos meramente preenchendo espaços vazios; juntos formamos um fluxo de unidade, de confiança mútua e nos sentimos devotados reciprocamente, todos voltados aos ensinamentos de uma Verdade Perene. Nossa passagem de forma respeitosa através dos espaços cria uma linha ordenada de significado, uma demonstração de vontade uníssona de bons propósitos.

Encaremos sempre o nosso trabalho ritualístico com seriedade e tornaremos cada reunião maravilhosa.

Já se disse que a mais refinada espécie de orgulho é aquela que faz com que o elemento humano dê o melhor de si, justamente quando ninguém o está observando. Flui divinamente!



© Sonho de Jacob, detalhe, gravura de Luca Giordano, pintor italiano (1632-1705)

Devemos agir de forma rigorosa e natural para que possamos sentir este orgulho.

Nós somos Maçons, escolhidos dentre muitos!

Poderemos criar e perpetrar beleza e Amor Fraternal!

Que Deus nos dê sempre esta disposição de espírito para que possamos preparar o caminho para aqueles que virão depois de nós.

Caminhando firmes e resolutos, assim caminharão nossos herdeiros, assim fortaleceremos nossa Loja, assim nossa união se fortalecerá cada dia, mais e mais.

Somos Maçons, devemos nos orgulhar desta condição, porque somos Obreiros da Paz, Homens Livres e de Bons Costumes.



23

*Supremo Conselho Grau 33º
do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil*

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Venâncio Igrejas, 33º
Ex-Soberano Grande Comendador, Membro Efetivo

Geraldo de Souza, 33º
Lugar Tenente Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

Lyrío Bravim, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Joaquim Alves Barbosa, 33º
Grande Chanceler G.: dos Selos

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º

Geraldo de Souza, 33º

Ballo Geay Yacoubá, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polónia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá

Henri L. Baranger, 33º
França

Membros Efetivos

Venâncio Pessoa Igrejas Lopes (12/11/1972)

Geraldo de Souza (12/11/1972)

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Edno Gomes Dannemann (14/03/1987)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Joaquim Alves Barbosa (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

*Francisco Bezerra de Araújo Galvão Neto
(24/09/1991)*

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1981)

Joaquim Takao Tano (12/03/1993)

José Ebram (12/11/1993)

Atyla Quintães Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

Lyrío Bravim (11/03/2000)

*Cyrilo Leopoldo Carvalho da Silva Neves
(21/09/2000)*

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)

Adolfo Bley (15/11/2003)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)

Paulo Fernandes Silveira (11/09/2004)



Revista Astréia
Órgão Oficial do **Supremo Conselho
Grau 33º do Rito Escocês Antigo
e Aceito da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil.**

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Diretor Presidente

**Ir.: Luiz Fernando Rodrigues
Torres, 33º, Soberano Grande
Comendador**

Editor

**Ir.: José Fernando Miranda
Salgado, OJB 1102 - 99**

Redator Chefe

Ir.: Geraldo de Souza, 33º, OJB 0065

Diretor e Jornalista Responsável

**Ir.: José Fernando Miranda
Salgado**

Redatores Adjuntos

Ir.: Lyrío Bravim, 33º

Ir.: Venâncio Igrejas, 33º

Editor Fotográfico

Ir.: Antônio Sodré Brandão

Criação e Produção

**Infinity Editorial
e Promocional**

Rua São Vicente, 127 - Tijuca
20620-140 Rio de Janeiro RJ

Tiragem desta Edição: 10.000
exemplares

Correspondência

Revista Astréia

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro RJ

Telefone: (21) 3390-3000

Telefax: (21) 3390-8102

*Os artigos publicados nesta revista
são de inteira responsabilidade de
seus autores.*

24



Este é o *pin* oficial do
Supremo Conselho do Grau 33
do R. E. A. A. da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil

Você merece!

(mas tem que ser *regular*)



Demonstre sua condição de Maçom do Rito Escocês com
o *Pin Oficial* do único Supremo Conselho regular do Brasil.
Feito com esmero, banhado em ouro eletrolítico e esmaltado
em vermelho e púrpura, com 20 ou 25 mm de largura.
Este é o *pin* que não pode faltar em sua lapela!

Pin 20mm:
R\$ 20,00*

Pin 25mm:
R\$ 40,00*

* Acrescentar R\$ 5,00
para as despesas de
remessa

**Faça hoje mesmo sua reserva
por carta, fax ou telefone ao
Supremo Conselho!**

Rua Barão, 1317 - Praça Seca, Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro, RJ - Brasil
Telefax: (21) 3390-3000

Em amizade com todos os Supremos Conselhos regulares do mundo.

Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Fundado em 12 de março de 1829



Rua Barão, 1317 - Praça Seca, Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro, RJ - Brazil
Telefax: (021) 3390-3000